

# Inventar: o prazer essencial

MARCUS VINICIUS FARBELOW

intransitiva  
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

# Inventar: o prazer essencial

Marcus Vinicius Farbelow

Dos incontáveis pequenos prazeres que dão sabor à vida, há um que os antecede e unifica, intrinsecamente ligado à capacidade superdesenvolvida nas crianças e artistas, mas que está ao alcance de qualquer um de nós, desde que a ela nos dediquemos. Trata-se do prazer de inventar. Não me refiro às invenções ligadas à tecnologia, cuja realização depende de conhecimentos técnicos especializados: máquina a vapor, lâmpada elétrica, telefone, avião, televisão, computador, internet, etc. É claro que tais produtos da invencionice humana são formidáveis, mas seriam inteiramente inúteis caso não estivesse em atividade constante um outro tipo de invencionice, aparentemente mais trivial e prosaico, mas sem o qual a vida se tornaria insuportável: a fantasia. Mais propriamente: o enorme e crescente conjunto de fantasias que distraem e alegam os seres humanos, desde os seus primórdios.

Não me atrevo a proceder a catalogação sistemática desses verdadeiros bálsamos espirituais; basta-me apontar que existem diferentes tipos e subtipos, cada um dos quais com propriedades e indicação específicos. Além disso, não posso me furtar a indigitar dois grandes grupos, os quais podem ser considerados, ao menos numa análise superficial, como os geradores de todos os demais. As fantasias mais lembradas e enaltecidas são aquelas que aspiram ao grandioso, ao sublime, que buscam abarcar a totalidade da vida, granjeando-lhe um sentido heroico e altissonante. Em geral, as fantasias desse grupo são indicadas por palavras terminadas em “ismo”, sufixo que combina bastante bem com suas pretensões holísticas e que lhes confere uma pujança ainda maior. Mas não nos enganemos: a despeito das veleidades grandiloquentes, tais fantasias não são mais necessárias do que as do outro grupo. Estas são menos ambiciosas, menos jactanciosas, não aspiram à totalidade nem à verdade; restringem-se às atividades mais

comezinhas do dia a dia, com o objetivo precípua de despi-las de sua crueza inerente e de vesti-las com roupas mais coloridas e brejeiras. Em outras palavras: pretendem tornar menos penosas e fastidiosas as inumeráveis repetições, que constituem o massacrante cotidiano de cada um de nós.

Não é difícil entender por que esses dois grandes tipos se equivalem em importância: enquanto o primeiro se destina ao traçado da rota a percorrer, o segundo se presta a amenizar o desconforto dos inevitáveis solavancos do caminho. Um não tem razão de ser sem o outro. Pensemos por um momento: o que seria do homem devotado ao Socialismo se este não pudesse, ainda que eventualmente, se refestelar em sua confortável poltrona, copo de uísque à mão, a trautear canções heterodoxas, não canônicas (isto é, “não vermelhas”)? E o que dizer dos sacerdotes do templo do Capitalismo Financeiro, sempre prestos em depositar oferendas (carne humana) no altar do deus Dinheiro? Como viveriam tranquilos se não acreditassem realmente em suas qualidades extraordinárias, únicas responsáveis pelos carros esportivos de que dispõem, pela mansão na qual vivem e pelos objetos de luxo que elegantemente a adornam? Como lidariam com sua consciência (partindo-se do pressuposto de que têm uma) se não tivessem a convicção inabalável de que um dia serão entronizados entre os grandes benfeitores da humanidade, entre aqueles que, guiados pelos mais elevados sentimentos humanitários, abriram mão de seus próprios interesses apenas para conceder, generosamente, emprego e renda a milhares de trabalhadores esfaimados?

Ilustração de André Lourenço



Sem as fantasias, o simples ato de acordar seria um tormento. A troco de quê empreenderíamos o enorme esforço de abrir os olhos? Apenas para ter de fechá-los em seguida? As fantasias nos dão um norte, um ou vários motivos para levantarmos e seguirmos firmes adiante. E, não bastassem todos os seus méritos intrínsecos, são profundamente democráticas: das inumeráveis opções disponíveis, basta esticarmos a mão e apanhar as que estiverem ao alcance. Melhor ainda: não somos forçados a carregá-las para o resto da vida. Se o fardo se tornar demasiado pesado, basta dele nos livrarmos, jogarmos em um monturo qualquer, irmos novamente ao mercado das fantasias e escolhermos outra, mais compatível com nossas exigências de momento. O único pré-requisito essencial para conferir às fantasias todo o seu potencial benfazejo é não levá-las, demasiado, a sério. Podemos até restringir nossa convivência com aqueles que compartilham de nosso núcleo fantasioso, mas não devemos, sob hipótese alguma, lançar mão de um suposto, fictício e espúrio direito de conversão, de imposição de fantasias, uma violência arbitrária e despropositada, ainda que empreendida em nome de um bem maior, pretensamente desconhecido pelos não aderentes.

Diante de tantas e tão grandes vantagens, é imperioso seguir o exemplo da escritora Virginia Woolf e tecer loas a todos os criadores de fantasias e ilusões, os únicos seres humanos realmente insubstituíveis. Um grande viva às ilusões! Um tonitruante viva àqueles que se incumbem de nos distrair das agruras inevitáveis do cotidiano!

## Sobre o autor

Marcus Vinicius Farbelow, 44 anos, casado e pai de um adolescente de 17 anos, formou-se em Ciências Sociais pela USP há vinte anos. Atualmente é servidor público federal lotado em Rio Claro, interior de São Paulo, e gosta muito de escrever, embora nunca tenha publicado nada.